

A Enfermagem e os seus Ritos Iniciáticos

Nídia Salgueiro *



Porquê ocupar-me deste assunto quando há tantos outros interessantes? Nem eu bem sei a razão que alimentou o desejo de o fazer, desde os primeiros apontamentos ou subsídios para a história publicados nesta revista. Talvez pelo muito que me marcaram os que vivi, pela intensidade da preparação dos mesmos, porque estamos num meio estudantil onde a Praxe Académica vela pela preservação das tradições, regras e ritos académicos! Ou simplesmente porque vivemos numa sociedade de ritos.

Várias vezes encetei consultas bibliográficas no sentido de enquadrar o que se passa no nosso meio e de perceber o que vivi. Estas resultaram em leituras muito interessantes e vias abertas aliciantes, como a antropológica, a religiosa, das sociedades secretas e outras, bem como o esoterismo, o simbolismo, a gnose, a cabala, o hermetismo, o ocultismo, que a disponibilidade do momento nunca permitiu percorrer como desejava.

Como o óptimo é inimigo do bom, ou antes, de se fazer alguma coisa, aqui estou com este apontamento bem modesto.

O que é um rito?

A consulta a vários dicionários e enciclopédias permite definir rito como um conjunto de usos, costumes, regras e cerimónias que estruturam a exteriorização da religiosidade ou espiritualidade de um grupo humano (credo, culto, religião). O termo pode também referir-se ao conjunto de cerimónias usadas para marcar e sacralizar a transição de um *status social* a outro, de um grau a outro numa comunidade laica ou religiosa, ou de uma estação do ano a outra ou os ritmos da natureza. Em sentido mais restrito, pode ser considerado como o conjunto de actos executados segundo uma ordem e regras precisas, que se

observam em certas ocasiões, sendo então o termo utilizado como sinónimo de cerimónia, protocolo, ritual, como por ex., ritual litúrgico ou simplesmente liturgia (católica, gregoriana, ortodoxa), liturgia da palavra.

Há ritos relacionados com o preparar ou preparar-se para entrar (iniciação) numa religião (baptismo cristão), ou numa seita, numa comunidade laica ou religiosa, numa sociedade secreta, num determinado saber ou técnica. O iniciando é sujeito a um período de preparação, mais ou menos longo, e a provas, por vezes de grande dureza, antes da cerimónia de iniciação, que inclui um determinado ritual, passando então à condição (*status*) de iniciado.

Os termos *rito iniciático* e *rito de passagem* são frequentemente utilizados com o mesmo sentido, porquanto a iniciação implica a passagem de um

* Enfermeira; Professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

estado a outro, de morte e renascimento (morre o homem velho para dar lugar ao homem novo, morre o estado físico para dar lugar ao espiritual, germina o grão de trigo, mas apodrece o seu invólucro, o inverno dá lugar à primavera, à noite segue-se o dia). Mas também a passagem a um novo estado ou grau implica uma iniciação nessa nova condição; está subjacente um período de incubação ou amadurecimento (de reflexão/meditação, preparação). Noutros casos, a denominação de *rito iniciático* é reservada ao primeiro nível. No nosso meio, a cerimónia de recepção aos caloiros é considerada como um rito de iniciação na Praxe Académica, mas é também uma passagem da sua condição de *bicho* a *caloiro*.

Aos ritos está implícita a noção de hierarquia (graus) e respectivos títulos e, bem entendido, regras (direitos e deveres), e respectivas sanções para a sua não observância. É interessante notar como ela está presente na Praxe Académica, constando de dezasseis graus/títulos de *bicho* a *Dux-Veteranorum* e um honorífico *Dux-Duxorum*, com regras bem precisas. Bicho e caloiro pertencem à categoria de animal e à de semi-puto e acima à de doutor. Tal como acontece noutras hierarquias (p. ex., sociedades secretas), aglutinam-se graus. A literatura sobre a academia coimbrã, referenciada e outra, fornece-nos um manancial sobre o assunto que estamos a tratar que vale bem a pena ler.

Ritos e símbolos

Os ritos contêm uma simbologia própria, que se exterioriza nas vestes, cores, gestos, insígnias (pessoais ou institucionais), emblemas, linguagem. Nas cerimónias rituais estão presentes elementos purificadores como as fumigações de substâncias aromáticas/perfumes (p. ex., o incenso aromático, a água, o sal, os óleos, o fogo, a luz (nas chamas de velas, candeias e candelabros), o vinho, o pão, o trigo, assim como determinadas fórmulas verbais, tanto dos iniciadores, dos que impõem as insígnias ou atribuem os graus, como dos que as recebem. Para os últimos, estas fórmulas dizem respeito ao pedido ou aceitação da iniciação, do novo *status*,

compromissos, juramentos, que têm subjacentes deveres sociais, a preservação das tradições, a observância das regras instituídas pelas próprias comunidades ou dos grupos a que dizem respeito. Daqui decorre a figura do proponente, do padrinho/madrinha que testemunham ou se co-responsabilizam.

Em contrapartida, também direitos, como o do reconhecimento do seu novo *status* e tudo o que ele comporta.

A televisão traz às nossas casas filmes e documentários que nos permitem conhecer ritos de tribos africanas e comunidades afastadas da nossa cultura ocidental (rito da puberdade) e, de vez em quando, somos sacudidos por notícias de cerimónias rituais com actos que nos arrepiam, como a clitoriotomia, o desfloramento; mas também imagens de grande beleza, como bailes de debutantes, que marcam a entrada das rapariguinhas (15 anos), na vida social, corações reais, casamentos de princesas, de ciganos, investidas de altos dignatários da Igreja, de membros de irmandades ou confrarias (p. ex., do Vinho do Porto, do pão), entronação do vinho novo, e tantos outros.

Todos nós vivemos ou testemunhámos ritos de vária natureza como o baptismo, o primeiro rito iniciático para uma grande maioria dos portugueses. Talvez seja interessante analisar alguns passos do seu ritual. Depois duma preparação (se já a pode fazer, senão dos pais e padrinhos), o catecúmeno é recebido à entrada do templo, antes do guarda-vento, onde se encontra lateralmente a pia baptismal e só depois do baptismo, como neófito, é admitido no interior do templo, na comunidade dos cristãos. Quando o baptismo era administrado por imersão este ocorria em edifício próprio – o baptistério –, fora do templo. Tive ocasião de visitar alguns exemplares magníficos como os de S. João, em Poitiers, cuja primitiva construção é de meados do séc. IV, o de Pisa, do séc. XII, o de Florença. Nas Ruínas de Conimbriga, pode ver-se o que resta duma construção circular (o baptistério) à entrada da basílica. Na cerimónia baptismal estão presentes elementos simbólicos, como a água, o sal, os óleos, a vela, os gestos, as fórmulas verbais e o branco das vestes, ou pelo menos duma toalha que cobre o catecúmeno.

E em enfermagem? Que ritos de iniciação?

Em Coimbra, penso que a primeira cerimónia iniciática terá ocorrido em 1950 ou 1951, com os alunos a fardarem-se pela primeira vez e a imposição da touca, nas raparigas. Em 1952, a touca foi substituída pelo véu. No meu curso de enfermagem geral (1952-1955), esta cerimónia estava no seu auge. Envergámos publicamente a farda pela primeira vez nas Comemorações de S. João de Deus (8 de Março de 1953) e o véu foi-nos imposto solenemente na missa em honra deste nosso Santo Padroeiro, na capela dos HUC (situada no edifício do Colégio das Artes, agora em posse da Universidade). Igualmente para os alunos do Curso de Auxiliares de Enfermagem. Considero que se tratou de um verdadeiro rito iniciático ou de passagem, conforme se entender.



Foto 1 – Imposição solene do véu na capela dos HUC (Curso que iniciou em 1956).

Depois de admitidos ao curso, os alunos separavam-se da família, passando as raparigas a viver em comunidade, no Lar (rito de segregação). Seguia-se um período de intensa preparação em que os mestres transmitiam aos alunos (iniciandos) os saberes, os costumes e as regras, observando os seus comportamentos, submetendo-os aos exames do primeiro semestre.



Foto 2 – Cena da vida no lar (Lar Venâncio, 1958)

Obtidos resultados que permitiam a passagem ao segundo semestre (notas semestrais) e tendo dado provas de aptidão às exigências de futuros enfermeiros (rito de transição), era-lhes permitido envergarem a farda e imposto, pelos mestres (iniciadores), o véu branco carregado de simbolismo (ritual de iniciação). Isto significava que tinham sido aceites como futuros membros daquele grupo profissional (rito de agregação), marcando também o início dos estágios. A partir daqui ficavam autorizados a abordar o corpo do doente, a prestarem cuidados de acordo com o seu nível de formação, a acederem aos níveis seguintes de formação e a usarem os símbolos que exteriorizam o seu novo *status*. Mas também à estreita observância das regras de conduta inerentes ao porte daqueles símbolos e de demonstrarem no terreno comportamentos técnicos e éticos de acordo com aquele nível de formação.

Seguiam-se depois ritos confirmatórios até ao de encerramento do curso.



Foto 3 – Imposição solene do distintivo do ano de curso

Como já referi no número 5 da *Referência*, no meu curso o forro da capa passou de tecido acetinado vermelho a tecido fino de lã amarelo. Não sei se esta mudança obedeceu a algum critério simbólico ou simplesmente ocorreu por imitação da medicina, pois tratava-se do mesmo tom de amarelo. Tudo me leva a crer que terá sido esta última razão.

O amarelo não tem grande significado simbólico. Em heráldica não é usado como cor (esmalte), mas sim como metal, representando o ouro. Nos paramentos católicos, assim como na maçonaria é usado geralmente como ornamento (franças, cordões, borlas, galões de remate) nos elementos decorativos em relevo dos tecidos adamacados e nos bordados. Em riquíssimos paramentos, a própria trama é feita com fios dourados (Museu Nacional de Machado de Castro). O vermelho nas suas várias tonalidades simbolicamente tem maior significado: é a cor do fogo e do sangue, da vida, da fertilidade e do amor, do calor humano, simbolizando também o poder, e em alquimia representa a pedra filosofal. Claro que em sentido negativo significa a guerra, a destruição pelo fogo, o sangue derramado, a raiva.

Com a substituição do véu pela touca, a que se seguiu também a sua abolição, com o decair das cerimónias em honra de S. João de Deus, até deixarem de se fazer, e com os novos planos de estudo com outra organização, decaiu também este rito. Pouco a pouco, foi emergindo outro, a recepção aos novos alunos, por analogia com a Praxe Académica Coimbrã.

E com a integração no Ensino Superior foi adoptada a praxe académica, com os seus ritos, o traje académico e as insígnias pessoais (grelo e fitas) em branco e amarelo. Também aqui o simbolismo do branco da enfermagem ligando-se ao amarelo da medicina. A recepção aos caloiros tornou-se o rito de iniciação na vida académica, certamente com a respectiva adaptação à enfermagem.

O encerramento do Curso

Outro rito importante que vivi foi o de encerramento do Curso, cuja cerimónia ocorreu em 31 de Julho de 1955, após os exames de estado (escritos, práticos e orais).

Os iniciados deixam o seu estatuto de alunos de enfermagem para adquirirem o de enfermeiros, substituindo os sinais que exteriorizavam aquela condição por outros que assinalam o seu novo *status*, como o véu pela touca, o distintivo de ano pelo emblema profissional da escola que os formou e a farda toda branca (ver *Referência*, n.º 5).

A cerimónia de mudança de *status* (ritual de passagem) constava de dois momentos solenes: A Missa Solene de Acção de Graças, com a consagração dos novos enfermeiros ao Sagrado Coração de Jesus – incluindo a assinatura do respectivo documento sobre o altar – e a Sessão Solene, presidida pelo Director da Escola ou algum alto dignatário do governo ou seu representante, estando presentes representantes das forças vivas da cidade e do corpo docente. Após os discursos de abertura, dos representantes do corpo docente, dos novos enfermeiros e do convidado de honra, tinha lugar a chamada dos novos enfermeiros, um a um, para a imposição do emblema e assinatura do “Juramento” pelo Director da Escola e pelo próprio enfermeiro, a que se seguiam os cumprimentos individuais das personalidades presentes.

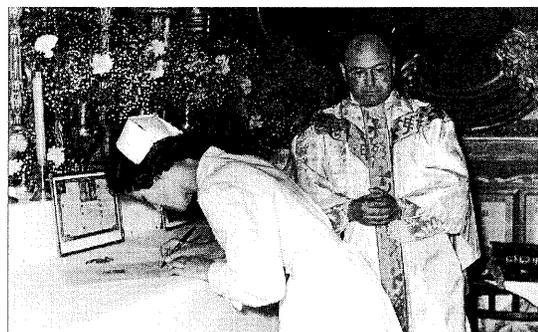


Foto 4 – Assinatura sobre o Altar da Consagração ao Sagrado Coração de Jesus (1960)



Foto 5 – Assinatura pelo Director da Escola do “Juramento” realizado perante as autoridades civis (1956)

As enfermeiras acendiam a vela na chama da candeia simbólica da enfermagem e faziam o seu juramento colectivo viradas para a assembleia. Este acto simbolizava a apresentação pública destes novos enfermeiros pela madrinha e padrinho escolhidos pelos finalistas e que aceitaram o convite que lhe foi formulado.



Foto 6 – O acender da vela na chama da candeia

A assembleia era constituída por representantes dos alunos, professores e convidados, tanto dos novos enfermeiros como da Escola (familiares, amigos, enfermeiros com quem mais se identificavam, enfermeiros chefes), em número limitado dada a capacidade do salão nobre dos HUC, onde ocorria a cerimónia. Seguia-se a sessão de fotografias nas escadas monumentais a que professores e altas individualidades pacientemente se submetiam. Este sacrifício permite-nos dispor hoje dum importante acervo de documentos fotográficos, não devendo ser descurado.



Foto 7 – Os finalistas de 1955

Com a abolição dos exames de estado, em 1974 (Decreto-Lei n.º 274/1974 de 26 de Junho), esta cerimónia decaiu. Presentemente este rito ressurgiu em força, sendo a sessão solene a cerimónia fulcral. A missa e sua preparação depende muito da vontade e envolvimento dos formandos (na praxe académica não existe a designação de finalista) e da condução do sacerdote por estes convidado. Temos assistido a missas de grande solenidade e beleza.

A sessão solene, hoje como ontem, é presidida pelo Director da Escola ou alguma alta individualidade convidada. A mesa é constituída por representantes dos órgãos da Escola, da Associação de Estudantes, dos novos enfermeiros e por convidados especiais.



Foto 8 – Discurso de uma finalista (1959)

Após os discursos de conveniência, segue-se a chamada de cada novo enfermeiro e a colocação do emblema pela madrinha ou padrinho, convidado a título pessoal, geralmente o docente com quem mais se identificou durante o curso ou foi para si uma referência, sendo-lhe também entregue documento comprovativo da conclusão do curso e os respectivos cumprimentos das individualidades presentes na mesa. Segue-se o acender da vela e o juramento solene.



Foto 9 – Cumprimentos ao finalista

Depois da cerimónia, fora do auditório, ocorre o *rasganço*. Este é uma adaptação (e adulteração, convenhamos) do rito de formatura da Praxe Académica, vivido geralmente de forma individual, que terá tido a sua origem na *farraparia*, feita na Faculdade de Direito e que durou até 1910 (Código da Praxe Académica de Coimbra, p. 61-64).

Seria talvez mais adequado ressuscitar, adaptando-o, o rito de formatura colectiva de medicina que vigorou até 1917, tal como é descrito por LAMY (1990) e LOPES (1982) e também sumariamente no Código acima citado. Por exemplo, os novos licenciados fazerem alas a partir da entrada do auditório para serem cumprimentados pelos professores, os últimos a sair, que ao passarem entre as alas lhes apertariam as mãos, tratando-os por colegas.

No *rasganço*, no último exame, os colegas rasgam o traje académico ao recém-licenciado, ficando este somente com o colarinho da camisa e a capa a que se embrulha, apertada na cintura com o cinto das calças. As raparigas só são rasgadas simbolicamente. É da tradição dirigirem-se rasgados ao Diário de Coimbra, onde a licenciatura é publicitada, com fotografia e tudo.

O que tenho presenciado nesta Escola é não o rasgar do traje académico, mas o rasgar da bata branca, o que me parece descabido, já que é mais uma indumentária de trabalho do que académica.

O rito de formatura significa deixarem abruptamente a protecção da Escola, a convivência com colegas e professores, para se lançarem no mundo agressivo do trabalho. Seguir-se-ão muitos outros ritos, como tomadas de posse, a que não faltam também fórmulas de compromisso e que nos tempos da ditadura chegaram a ser uma violência (ver *Referência*, n.º 0).

Interessante, NUNES (2003) considerar a abertura da Escola de Enfermeiros de Coimbra (17 de Outubro de 1881) o rito iniciático do Ensino de Enfermagem em Portugal. Este veio a dar um outro rito, o do Dia da Escola Superior de Enfermagem Ângelo da Fonseca, e também o da abertura solene das aulas.

Conclusão

Este trabalho resultou de uma pesquisa que realizei com muito entusiasmo e resume somente uma pequena parcela do muito que aprendi.

Permitiu-me reflectir sobre o que vivi e testemunhei e concluir que estes ritos quando preparados e experienciados intensa e colectivamente, partilhando dificuldades e alegrias, deixam marcas e laços que o tempo jamais apagará.

Obriga-me também a afirmar convictamente, quanto considero importante ficarem fotografias, devidamente identificadas e datadas, dos momentos mais marcantes de cada curso e dos eventos significativos da Escola, em papel e suporte electrónico, devendo ser atribuída esta função a alguém responsável.

Um outro aspecto que considero relevante é a elaboração de um Código contendo as regras e tradições académicas da Enfermagem Coimbrã, bem como os rituais ou protocolos destas cerimónias.

Referências bibliográficas

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 1.º e 2.º vol. Lisboa: Ed. Verbo, 2001, ISBN: 972-22-2046-2.
- CABRAL, Pedro (Dux-Veteranorum) – *Código da Praxe Académica de Coimbra*, 2.ªed. (revista e actualizada a 1.ª ed. de 1993). Coimbra: 1996, ISBN: 972-95892-0-8.
- ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Lisboa: Ed. Verbo, sd.
- INSTITUTO ANTÓNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, ISBN: 972-42-2809-6.
- LAMY, Alberto Sousa – *A Academia de Coimbra*. Lisboa: Rei dos Livros, 1990.
- LOPES, A. Rodrigues – *A Sociedade Académica Coimbrã*. Coimbra: Ed. do Autor, 1982.
- NUNES, Lucília – *Um olhar sobre o ombro: enfermagem em Portugal (1881-1998)*. Loures: Lusociência, 2003, ISBN:972-8383-30-4.
- RICHARD, Roger – *Dictionnaire maçonnique: le sens caché des rites et de la symbolique maçonniques*. Paris: Ed. Dervy, 1999, ISBN: 2-844-54-154-2.